
DANÇA

29, 30, 31 MARÇO

1 ABRIL '07

CARUMA

Um projecto de Arte Comunitária coreografado
por Madalena Victorino. Pela Companhia Instável.

Culturgest

Grupo Caixa Geral de Depósitos

QUI 29 · SEX 30 · SÁB 31 MARÇO · DOM 1 ABRIL 2007
PALCO DO GRANDE AUDITÓRIO · 21H30 (DIAS 29, 30 E 1) 17H00 E 21H30 (DIA 31)
DUR. APROX. 1H30 · M/3

Coreografia de Madalena Victorino, em co-criação com
Intérpretes Ainhoa Vidal, Pedro Ramos, Sophie Leso, Susana Gaspar e Tânia Matos
Música Carlos Bica (composição musical e interpretação) e Mário Delgado (interpretação)
Assistência Artística Marta Silva
Desenho de Luz Horácio Fernandes
Assistência Dramatúrgica Inês Barahona
Professora de Voz Lúcia Lemos
Filme Cláudia Varejão
Participação Especial Inês Barahona, Giacomo Scalisi, D. Joaquina, D. Cidália
Participantes Mães e Bebés Patrícia Blazquez e Laura, Ana Nogueira e Teresa, Marta Cardoso e Madalena, Susana Portela, Tiago Pereira e Catarina e Inês, Rute Serôdio e José Pedro, Ana Catarina Damasceno e Alice, Catarina Falcão e Maria, Catarina Barros e João, Sara Serrão e Lua, Tatiana Basílio e Júlia, Luísa Delgado e Margarida, Sara Teles e Isabel;
Rapazes Hugo Rascão, João Empis, Frederico Arouca, Bernardo Vieira, André Teixeira, Alexandre Magalhães, Pedro Brito, Rui Velhinho, João Rui Nunes;
Mulheres Sereia Catarina Barros, Sara Serrão, Tatiana Basílio, Susana Portela, Ana Catarina Damasceno, Gabriela Ferreira, Sara Cabral, Isabel Santos;
Guardiões Maria José Grave, Francisco Gomes, Maria José Gomes, Marina Pascoal, Maria Eduarda, Mouzinho Larguinho

Companhia Instável
Direcção Ana Figueira
Direcção Técnica Ricardo Alves Consultores Artísticos Marta Silva e Pedro Carvalho
Produção Executiva Joana Martins

Co-produção Companhia Instável, Culturgest e Teatro Nacional S. João
Apoio INATEL/Teatro da Trindade
Agradecimentos Aurélio Matos, Isabel Vieira de Campos, Manuel e Lucília Carolino, Maria João Castelo, Maria José Solla, Nuno Nunes, O Bando, Parque da Cidade do Porto – Engº Virgílio Borges, Teresa Louro

Estreia 29, 30, 31 de Março e 1 de Abril, Culturgest, Lisboa
Outras apresentações 15 a 17 de Junho, TeCA, Porto; 29 e 30 Junho - Teatro Aveirense, Aveiro; 19 a 21 de Outubro, Teatro Virgínia, Torres Novas; 26 a 28 de Outubro, Teatro José Lúcio da Silva, Leiria; 3 e 4 Novembro, Teatro Viriato, Viseu

CARUMA

*Um projecto de Arte Comunitária
coreografado por Madalena Victorino*

Caruma são folhas secas em forma de flecha que descem dos pinheiros, vestem o chão e picam. *Caruma* é um espectáculo com uma dimensão privada e outra pública, em que ambos os espaços se misturam numa paisagem que mexe.

É sobre o que está na margem e no centro. É sobre o que respira debaixo do chão, e sobre o céu como terra.

Pessoas da rua, bailarinos e músicos põem o público em contacto com uma comunidade que é a sua, confundindo-o e iluminando-o nessa ideia de unir o centro da sua cidade às margens da arte.

O público, uma parcela dessa comunidade, revê-se e descobre-se, adiciona algo de seu ao espectáculo sem o saber previamente. Testemunha a transformação dos seus pares que nessa noite são outros.

Pequenos ninhos de público envolvem acções feitas em formato de conluios, conversas de saleta, solos dançados e contados, onde a intimidade da relação espectáculo / público se acende.

Caruma poderá ter 7, 27 ou 57 intérpretes, dependendo de quem se alistar na aventura de participar neste espectáculo de arte comunitária. Haverá sempre

7 intérpretes fixos vindos dos universos do teatro, da dança e da música que, na ausência de voluntários, asseguram o espectáculo fazendo tudo, preenchendo o vazio com o sonho que tivemos de ter ali alguém da população local. Neste espectáculo teremos crianças muito pequenas que pela mão dos seus pais, aprendem a pisar a *Caruma*... Mães jovens, transformam-se em Sereias. As crianças transformam-se em rapazes que fogem dos braços dos pais e experimentam ser construtores de navios... Os mais velhos, guardam o público, sugerindo com a sua presença calma o que está para vir, com palavras e gestos seus...

Caruma é um espaço para anjos nascidos da terra e humanos caídos do céu. Bailarinos, música, acções em catadupa saem de um tapete de *caruma*. Emergindo do centro da vida, recontam-se no fluxo de um tempo musical.

MADALENA VICTORINO



Companhia Instável

Companhia Instável é um projecto que tem como principal objectivo criar oportunidades profissionais a intérpretes de Dança Contemporânea. Com um projecto anual desde 1998, pretende associar o desequilíbrio e a incerteza inerentes à arte contemporânea à necessidade de estabilidade e solidez necessárias a uma companhia.

Companhia Instável é um conceito de companhia que surgiu de algumas dificuldades com as quais se debatem várias companhias portuguesas: a ausência de espaço de ensaio, a dificuldade de encontrar bailarinos profissionais e disponíveis, a falta de verbas para manter uma companhia com nível profissional de uma forma minimamente digna e, finalmente, a dificuldade de realizar digressões com duração que justifique todo o empenho.

É uma companhia que trabalha por projecto. Cada ano, é convidado um coreógrafo de renome internacional que selecciona os intérpretes por audição, cria um trabalho para aquele grupo, a peça é estreada, circula tanto quanto possível e a companhia desfaz-se, até se constituir uma nova.

Procurando retirar partido deste conceito reforçamos alguns aspectos do seu carácter efémero e, paralelamente, verificamos que estes factores, muitas

vezes, se tornaram uma mais-valia para o próprio projecto, principalmente para os nossos objectivos de oferecer uma experiência profissional, intensa e inesquecível, a intérpretes de Dança Contemporânea.

O carácter de rotatividade permite-nos abranger um grande número de intérpretes, proporcionando uma experiência única e profissional com vários criadores da actualidade.

É um conceito de plataforma em que o bailarino é responsável pela sua própria direcção ao poder concorrer, ou não, para determinado projecto.

Os coreógrafos convidados para as edições anteriores da CI foram: Amélia Bentes (Portugal), Nigel Charnock (Inglaterra), Jamie Watton (Inglaterra), Bruno Listopad (Portugal), Ronit Ziv (Israel), Javier de Frutos (Venezuela/Inglaterra), Wim Vandekeybus (Bélgica) e Rui Horta (Portugal).

O percurso da CI tem-se desenvolvido de uma forma oscilante, mas sustentada. As digressões têm-se estendido, passando de uma única apresentação para 63 espectáculos em 2004/2005. A internacionalização, quer através do número de espectáculos apresentados no estrangeiro, quer através do estabelecimento de parcerias, é um factor de grande importância neste projecto.

As expectativas quanto ao crescimento da Companhia Instável são grandes. Esperamos conseguir manter a oferta de experiências únicas e profissionais.

Continuar a retirar partido e desenvolver um conceito que, apesar de ter sido criado como reacção às adversidades, se tornou um bem cada vez mais visível.

O convite a Madalena Victorino oferece ao percurso da Companhia Instável uma componente de grande valor: a associação entre músicos e bailarinos profissionais e elementos da comunidade, num espectáculo que se renova em cada cidade em que se apresenta. É, também, uma honra poder contar com a energia, dedicação e grande criatividade desta coreógrafa.

ANA FIGUEIRA

Fotografia: Folha



Madalena Victorino nasceu em Lisboa em 1956. Estudou na Escola Alemã de Lisboa. Entre 1975 e 1977 estudou dança contemporânea na London School of Contemporary Dance e em 1980 obteve o grau de professora de Dança na Universidade de Londres, Goldsmith's College / Laban Centre for Movement and Dance. Em 1986 teve o seu filho Frederico.

Vive em Portugal e trabalha nas áreas da coreografia, da pedagogia da dança, das artes na comunidade e na educação assim como as relações entre o teatro e a dança.

Tem coreografado extensivamente para lugares não convencionais, como fábricas, museus, parques de estacionamento, florestas, ruas, etc., com actores, bailarinos, cantores e pessoas não profissionais nas artes performativas.

Coreografou as peças de abertura do Galway Arts Festival na Irlanda (1994) e do Freja Festival, Arhus na Dinamarca (1995).

Em 1991 foi co-fundadora do Forum Dança, associação cultural sem fins lucrativos que promove a dança nas áreas da educação, investigação, coreografia, interpretação e produção artística.

Como principais trabalhos coreográficos destacam-se *Projecto Tojeira* (1989), *Torrefacção* (1990), *O Terceiro Quarto* (1991), *Diário de Um Desaparecido* (1992), *A Festa e Auto-Retrato Coreográfico* (1993), *Fotocena e Clowns*, com encenação de João Brites, *Anna Anna* (1994), *Sobreiros, Alma 1, Alma 2, Translations e A Disputa*, com encenação de João Perry (1995), *Sonho de uma Noite de Verão*, com encenação de João Perry (1996), *Alma 13 e Escritório* (1997).

Fotografia: Folha



Actualmente é Assessora para a área de pedagogia e animação na Fundação Centro Cultural de Belém.

É professora convidada de composição coreográfica nos cursos de formação de professores do Forum Dança, e no Curso de Formação de Actores na Escola Superior de Teatro e Cinema.

A convite de Jorge Silva Melo, faz a sua primeira encenação, *Dias Felizes* de Samuel Beckett, na Capital / Artistas Unidos, em Abril de 2001.

Entre 2002 e 2004, em conjunto com Giacomo Scalisi, é directora artística do Projecto Europeu de Artes do Espectáculo para um Público Jovem / PERCURSOS. Este é um projecto realizado no âmbito da programação por si dirigida do Centro de Pedagogia e Animação do Centro Cultural de Belém, com apoio financeiro do Programa Operacional de Cultura / POC.

Ainhoa Vidal Da ginástica rítmica ao ballet, dança moderna e dança contemporânea em Madrid, Barcelona, Amesterdão e Lisboa. Viajou pela Europa e Ásia fazendo *workshops* de dança. Na sua contínua formação destaca a presença de Sofia Neuparth, Peter Michael Dietz, Howard Sonenklar, Danis Bois, Bonnie Bainbridge Cohen, Miguel Seabra e Plex. Trabalhou para Jean Paul Buchieri, Sofia Neuparth, Aldara Bizarro e Madalena Vitorino, entre outros. Como criadora destaca o trabalho com a estilista Maria dos Milagres e o sonoplasta Plex; apresentando-o em Espanha, Brasil e Portugal. Integra a equipe do CEM na acção e no pensamento desde 2002, onde regularmente também dá aulas, orientando o curso “O Corpo” com Sofia Neuparth, assim como o curso de Formação Intensiva nesta mesma estrutura. Geriu o projecto artístico “Pedras d’Água na Baixa Lisboaeta”, envolvendo habitantes, artistas e transeuntes.

Junta as informações e experiências de todos estes *backgrounds* num trabalho de corpo com bebés, pessoas com diferenças físicas e em estados de risco; o que, além de adorar, considera fundamental no aprofundamento da sua paixão pela humanidade do corpo e a sua presença.

Pedro Ramos nasceu em Lisboa, em 1981. Tem-se dedicado desde novo a vários ramos artísticos: começou pelo desenho e pela pintura tendo dado continuidade a esses estudos na Escola António Arroio. Frequentou a Academia de Amadores de Música de 1994 a 2003 estudando guitarra clássica e canto lírico com José Manuel Araújo. Fez *workshops* com Maria João, Mercê Obiol e Lúcia Lemos. A sua formação como actor deve-a a Adelino Tavares, Paulo Patraquim, Lili Sanshez, Leonor Lainche, João Garcia Miguel e Micheal Margota. Trabalhou no TIL com Fernando Gomes. É licenciado pela Escola Superior de Dança. Como intérprete tem dançado trabalhos de vários coreógrafos como Clara Andermatt, Francisco Pedro, Né Barros, Stephan Jurgens, José Laginha, entre outros. Como criador realizou *Saindo do escuro*, *Coexistência*, *Videodança 04*, *Room* e *Diário Metafísico*. Lecciona Dança Contemporânea e Yoga estando a fazer a sua formação como Instrutor de Carlos Rui no Centro Português de Yoga.

Sophie Leso nasceu em 1982 em Verviers, Bélgica, onde iniciou a sua formação artística no Conservatório de Teatro em 1992, prosseguindo depois uma formação em acrobacia, técnicas de circo e dança, em Bruxelas. Em 2001 ingressou na École Internationale de Mimodrame de Paris Marcel Marceau. Paralelamente, foi desenvolvendo uma pesquisa em dança, espaço-tempo e análise do movimento com Marie-Christine Wavreille (Bélgica). Frequentou vários

workshops e projectos internacionais na área da dança e do teatro. Recentemente em Portugal, tem trabalhado como actriz e, como bailarina, com Romulus Neagu, Gonçalo Ferreira, Ana Borges, Sofia Belchior e Maria Ramos. Fez o Curso de Pesquisa e Criação Coreográfica do Fórum Dança orientado por Vera Mantero, Emmanuelle Huyhn, Margarida Bettencourt e João Fiadeiro. Em 2006, trabalhou com Pippo Delbono no âmbito do “Projet Thierry Salmon”. Desenvolve, ainda, conhecimentos em Língua Gestual.

Susana Gaspar nasceu em 1980, em Torres Novas, onde começou a dançar, a ler poesia e a fazer política. Fez o 12º ano de Humanidades e licenciou-se em Dança – ramo de Espectáculo, na Escola Superior de Dança. (Tem muita voz entre os dentes, mas gosta é do que não se pode explicar.) Entre 2002 e 2005 desenvolveu actividade pedagógica em Torres Novas, Alqueidão e Abrantes e fez experiências coreográficas no palco e na sala de aula, que contribuíram profundamente para a sua consolidação como pessoa, intérprete e criadora. Em 2005, fez o Curso de Coreografia do Programa Gulbenkian de Criatividade e Criação Artística, do qual nasceu o solo *Registo* e, no ano seguinte, o dueto *Enleio*, que continuam em apresentação. Em 2006, fez o curso de Dança na Comunidade e voltou a criar aulas pontualmente. Já interpretou coreografias de Né Barros, Mónica Coteriano e Conceição Nunes. Já viveu em Lisboa, depois em Torres Novas e agora vive nos dois sítios.

Tânia Matos nasceu em Lisboa, em 1986. Formou-se na Escola de Dança do Conservatório Nacional onde durante oito anos aprendeu variadas técnicas. Iniciou a sua carreira profissional com Benvindo Fonseca, enquanto fazia o primeiro ano de Arquitectura na Universidade Lusíada de Lisboa. Participou no Curso de Pesquisa e Criação Coreográfica no Fórum Dança sob a orientação de Clara Andermatt, Francisco Camacho, Rui Horta, João G. Miguel (trabalho de texto) e Lúcia Lemos (voz). Integrou o Lisboa Ballet Contemporâneo. Partiu para Paris em 2005 onde trabalhou com Karim Sebbar no projecto *Danse du Dehors*. Participou no Young Festival Artists Bayreuth com a peça *D#Function* de Helene Weinzierl e Rafaële Giovanola. De diversos *workshops* destaca os de: Thierry Bae, Jordi Cortés, Corinne Lansele, Françoise Leick, Damiano Foà.

Carlos Bica é um dos poucos músicos portugueses que alcançou projecção internacional, tendo-se tornado uma referência no panorama do jazz europeu. Entre os vários projectos musicais que lidera e para além das suas participações em outras áreas como teatro, cinema e dança, o seu trio AZUL com o guitarrista Frank Möbus e o baterista Jim Black, tornou-se na imagem de marca do contrabaixista e compositor.

Ao primeiro álbum *Azul* editado em 1996 e que é considerado pela crítica como um dos melhores álbuns nacionais de jazz de sempre, seguiram-se os álbuns *Twist* (1999), *Look what they've done to*

my song (2003) e *Believer* (2006) que receberam igualmente enormes elogios da imprensa internacional.

Quando se fala da música de Carlos Bica a crítica costuma salientar a forma como nela se interpenetram referências de diferentes universos, da música erudita contemporânea à folk, ao rock, ao jazz, às músicas improvisadas. O que corresponde, como seria natural, à própria trajectória do intérprete compositor. Aprendeu a tocar contrabaixo na Academia dos Amadores de Música, nos Cursos de Música do Estoril e na Escola Superior de Música de Würzburg, na Alemanha. Foi membro da Orquestra de Câmara de Lisboa, assim como de diversas orquestras de câmara alemãs, tais como a Bach Kammerorchester e a Wernecker Kammerorchester. Fez muita música improvisada, durante anos tocou com Maria João, trabalhou e gravou na área da música popular portuguesa com Carlos do Carmo, José Mário Branco, Janita Salomé, Camané e participou em inúmeros festivais de jazz internacionais em colaboração com músicos como Kenny Wheeler, Ray Anderson, Aki Takase, Alexander von Schlippenbach, Lee Konitz, Mário Laginha, Albert Mangelsdorf, João Paulo, Matthias Schubert, Paolo Fresu, António Pinho Vargas, Steve Arguelles, John Ruocco e entre outros.

A necessidade de projectar na música as vivências do seu percurso musical e o enorme fascínio pelo som da voz e dos instrumentos de arco, levou Carlos Bica até ao projecto *Diz*, que teve a sua estreia no Festival dos Cem Dias/Expo'98. Este projecto foi editado pela Enja Records em 2001 e recebeu

o prémio de Melhor Disco do Ano da Antena 1/Cinco minutos de jazz.

Tal como Paris nos anos cinquenta, Berlim é nos dias de hoje um feliz refúgio para os criadores de arte. Tendo Berlim como uma das suas estações, Carlos Bica tem desfrutado dos muitos felizes encontros entre músicos provenientes de culturas e escolas muito diversas. *Azul, Diz, Tuomi, Bica-Klammer-Kalima, Essencia, Tango Toy* são alguns dos projectos com músicos internacionais que tiveram Berlim como local de nascimento.

Em Outubro de 2005 Carlos Bica edita o álbum *Single* (Bor Land), o seu primeiro álbum de contrabaixo solo, onde músico e instrumento se encontram a sós e onde Bica revela o seu lado musical mais íntimo. *Single* foi nomeado pela revista *Blitz* com um dos melhores álbuns nacionais em 2005.

Mário Delgado começou os seus estudos na Escola de Jazz do Hot Clube, ainda quando José Eduardo e David Gausden leccionavam na cave da Praça da Alegria. Prosseguiu os seus estudos na Academia dos Amadores de Música onde estudou guitarra clássica com José Peixoto e Piñero Nagy.

Prolongou a sua formação envolvendo-se em ateliers com alguns dos mais importantes guitarristas de jazz contemporâneos como John Abercrombie, Bill Frisell e Atilla Zoller, ou com mestres como Jimmy Giuffre, David Liebman, Steve Lacy, Han Bennink, Paul Motian e Joe Lovano, entre outros.

Em 1992, Delgado junta-se ao guitarrista José Peixoto e ao percussionista José Salgueiro para desenvolver um projecto que culminará na gravação do álbum *Taifas*, cruzando um espaço musical que se abria ao universo das sonoridades árabes e mediterrânicas também presente na música do cantor Janita Salomé, com o qual Delgado gravou.

É ainda sob o signo do cruzamento de linguagens, mas desta vez numa aproximação heterodoxa às raízes portuguesas, que Mário Delgado e José Salgueiro se juntaram ao contrabaixista Carlos Barretto para gravar *Suite da Terra*. O guitarrista divide-se actualmente entre vários projectos, nomeadamente Filactera, Filactera Redux, TGB, Trio de Carlos Barretto.

A sua experiência como pedagogo liga-o desde 1990 à Escola de Jazz do Hot Clube e presentemente à Escola de Jazz do Barreiro.

Participou em 1995 no 6th Annual IASJ Meeting em Israel onde representou a Escola de Jazz do Hot Clube de Portugal.

Em 2005 recebeu o prémio Carlos Paredes atribuído pela Câmara de Vila Franca de Xira ao disco *Tuba Guitarra e Bateria do colectivo TGB* (Carolino, Delgado, Frazão).

PRÓXIMO ESPECTÁCULO

TEATRO ABRIL QUI 12 SEX 13 SÁB 14

Mnemopark

Um mundo de comboio em miniatura

Um espectáculo de Stefan Kaegi (Rimini Protokoll)

Palco do Grande Auditório · 21h30

Duração 1h45 · M/12

Espectáculo em alemão e inglês, com legendas em português

Mnemopark relata uma viagem pela Suíça num comboio miniatura, por entre paisagens bucólicas, lindos chalés e vacas sonolentas. Uma câmara de vídeo na locomotiva transmite este cenário falso de tão encantador, onde até cabe um filme de Bollywood. Quatro reformados apaixonados pelo modelismo e uma actriz são os guias deste périplo surpreendente, verdadeiro acontecimento no último Festival de Avignon. Misturando humor e reflexão, o espectáculo consegue um equilíbrio difícil entre o documental e a fantasia, a tecnologia e o humano, o próximo e o longínquo, num jogo jogado pela escala e a memória.

Leia no site da Culturgest, DERIVAS, uma crónica semanal de Augusto M. Seabra.

Os portadores de bilhete para o espectáculo têm acesso ao parque de estacionamento da Caixa Geral de Depósitos.

Fotografia: Sebastian Hoppe



Mnemopark é um espantoso road-movie filmado ao nível das margaridas, uma *trip* à velocidade de um comboio miniatura, um passeio pelos vales suíços evocando tanto Lynch (*Straight Story*) como Clint Eastwood (*Space Cowboys*), onde quatro [em Lisboa, três] velhotes e uma velhota animam 37 metros de via férrea, não mais larga do que uma caixa fósforos.

BRUNO MASI, *LIBÉRATION*, 14-07-2006

O espectáculo que Avignon esperava. (...) A mundialização através do modelismo. Ou ainda: a invenção do teatro-documentário.

BRIGITTE SALINO, *LE MONDE*, 14-07-2006

CULTURGEST, UMA CASA DO MUNDO

INFORMAÇÕES 21 790 51 55

WWW.CULTURGEST.PT

Edifício Sede da CGD

Rua Arco do Cego

1000-300 Lisboa

CONSELHO DE ADMINISTRAÇÃO

PRESIDENTE

Manuel José Vaz

VICE-PRESIDENTE

Miguel Lobo Antunes

VOGAL

Luís dos Santos Ferro

ASSESSORES

DANÇA

Gil Mendo

TEATRO

Francisco Frazão

ARTE CONTEMPORÂNEA

Miguel Wandschneider

SERVIÇO EDUCATIVO

Raquel Ribeiro dos Santos

DIRECÇÃO DE PRODUÇÃO

Margarida Mota

PRODUÇÃO E SECRETARIADO

Patrícia Blazquez

Mariana Cardoso de Lemos

Jorge Epifânio

EXPOSIÇÕES

PRODUÇÃO E MONTAGEM

António Sequeira Lopes

PRODUÇÃO

Paula Tavares dos Santos

MONTAGEM

Fernando Teixeira

CULTURGEST PORTO

Susana Sameiro

COMUNICAÇÃO

Filipe Folhadela Moreira

Patrícia Rodrigues ESTAGIÁRIA

PUBLICAÇÕES

Marta Cardoso

Rosário Sousa Machado

ATIVIDADES COMERCIAIS

Catarina Carmona

SERVIÇOS ADMINISTRATIVOS

E FINANCEIROS

Cristina Ribeiro

Paulo Silva

DIRECÇÃO TÉCNICA

Eugénio Sena

DIRECÇÃO DE CENA E LUZES

Horácio Fernandes

AUDIOVISUAIS

Américo Firmino CHEFE DE IMAGEM

Paulo Abrantes CHEFE DE AUDIO

Tiago Bernardo

ILUMINAÇÃO DE CENA

Fernando Ricardo CHEFE

Nuno Alves

MAQUINARIA DE CENA

José Luís Pereira CHEFE

Alcino Ferreira

TÉCNICO AUXILIAR

Álvaro Goelho

FRENTE DE CASA

Rute Moraes Bastos

BILHETEIRA

Manuela Fialho

Edgar Andrade

Joana Marto

RECEPÇÃO

Teresa Figueiredo

Sofia Fernandes

AUXILIAR ADMINISTRATIVO

Nuno Cunha



Caixa Geral
de Depósitos



TEATRO DA TRINDADE @PARIS



UNIVALEATROS EUROPA

